

INCRÍVEL! LEÔNIDAS VOLTA A NEGAR TORTURA NO DOI-CODI

Pedro Estevam da Rocha Pomar
Editor da Revista Adusp

Reprodução/Dossiê Ditadura: mortos e desaparecidos políticos no Brasil (1964-1985)



O general de exército reformado Leônidas Pires Gonçalves, que comandou o DOI-CODI do I Exército — hoje Comando Regional do Leste — durante um dos períodos mais ferozes da Ditadura, reaparece na TV para negar a ocorrência de torturas, em entrevista concedida à Globonews. Vale reiterar, portanto, que Armando Teixeira Frutuoso, militante do PCdoB (fotografia ao lado), foi assassinado com requintes de crueldade pelos comandados de Leônidas em setembro de 1975. Seu corpo, jamais localizado

Durante a Ditadura, o general Leônidas Pires Gonçalves foi chefe do estado-maior do I Exército (sediado no Rio de Janeiro) e, nesta condição, exerceu, entre 5 de abril de 1974 e 1º de dezembro de 1976, o comando do Centro de Operações de Defesa Interna (CODI) daquela unidade militar. Os CODIs foram criados pelo regime militar para articular as ações dos órgãos de repressão política das Forças Armadas e das polícias. No governo Sarney, Leônidas foi premiado com o Ministério do Exército, de que foi titular ao longo de todo o mandato (1985-1990).

Leônidas era o ministro do Exército, portanto, em 1988, quando o governo Sarney determinou a invasão da Companhia Siderúrgica Nacional, então em greve, por uma tropa de combate comandada pelo general José Luis Lopes da Silva e secundada pela Polícia Militar. Três trabalhadores foram assassinados a tiros de metralhadora e golpes de baioneta.

É deste personagem a tese cínica de que o número de mortos pela repressão política, no Brasil, foi “até econômico”, em relação à população total do país: “Aqui não morreram os 30.000



General Leônidas (de terno) em evento no Clube Militar (RJ)

que se diz que morreram na Argentina”. Tal declaração ele a concedeu a pesquisadores do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas e foi publicada, em 1994, no livro *Anos de Chumbo*.¹

A entrevista publicada no excelente trabalho da equipe do CPDOC contém diversas passagens mentirosas ou, na melhor das hipóteses, fantasiosas. Quando, por exemplo, descreve a atuação do Destacamento de Operações de Informações (DOI), o braço operacional do CODI, o general recorre à pura ficção, afirmando nunca ter visto de seu superior, ge-

neral Reynaldo Mello de Almeida, “qualquer política ou atuação que inspirasse violência, que inspirasse tortura”, e acrescentando: “Fazíamos tudo muito tecnicamente. E tecnicamente significa não atacar os princípios da humanidade. Claro que tínhamos que fazer interrogatórios longos, como todo mundo faz”. Ainda segundo Leônidas, “A função do DOI-CODI foi preservar o Brasil das atuações subversivas. Com grande profissionalismo, sem nenhum ato de que possamos nos envergonhar”. *Sic!*

Pois bem. Em abril de 2010, Leônidas voltou a mentir, desta vez para audiências maiores, em entre-

Fábio Motta/Agência Estado

vista concedida ao repórter Geneton Moraes Neto, da emissora a cabo Globonews. “Esse problema de tortura foi muitíssimo aumentado”, minimizou. Quando Geneton lhe perguntou se, tendo sido chefe do CODI do I Exército por dois anos e 10 meses, Leônidas sabia da existência de torturas a presos políticos, o general respondeu, aos brados: “Na minha área nunca houve tortura a preso político. Nunca houve tortura e desafio alguém que venha dizer que foi torturado nesse período!”

Ora, sabemos de algumas pessoas que têm plena condição de aceitar o repto de Leônidas, e de uma pessoa que não poderá fazê-lo. Gildásio Westin Cosenza, militante do Partido Comunista do Brasil (PCdoB, então na clan-

destinidade) encarcerado no dia 4 de setembro de 1975, foi torturado no DOI comandado por Leônidas e está entre os que podem contestar a “versão Poliana” do oficial. Cosenza salvou-se da morte pela intervenção pessoal do general Rodrigo Octávio, à época ministro do Superior Tribunal Militar, que exigiu a apresentação do preso.

Outro militante do PCdoB, Armando Teixeira Frutuoso, por sua vez, também foi submetido à selvageria dos comandados de Leônidas, mas está impedido de aceitar o desafio do general. Naquele mesmo mês de setembro, Frutuoso foi assassinado, com requintes de crueldade, pela equipe de torturadores do I Exército. Sua morte

Dida Sampaio/Agência Estado



General Newton Cruz

Zuenir Ventura acredita que a entrevista do general “é indispensável para quem quiser conhecer um pouco da mentalidade dos que naquela época detinham o poder no Brasil de forma quase absoluta. A ditadura decretava as leis e se impunha como legalidade”

foi noticiada pela rádio BBC de Londres. Seu corpo nunca foi localizado.

A propósito do assassinato de Frutuoso, mantive um curto e áspero diálogo telefônico com Leônidas em 1996, encerrado aos berros por ele. Creio que é útil transcrevê-lo. A primeira pergunta foi sobre o Massacre da Lapa, em São Paulo (ocorrido em 16 de dezembro de 1976), assunto que o general se recusou a comentar:

— Tudo que eu tinha a falar está no livro *Os Anos de Chumbo*. Não quero responder. Não me lembro de detalhe nenhum, faz muito tempo.

— O senhor sempre declarou que não houve tortura no DOI do I Exército.

— Eu desafio alguém a provar o

contrário. É uma petulância sua!

— O preso Armando Teixeira Frutuoso morreu no DOI do Rio de Janeiro em setembro de 1975.

— É você que está dizendo!²

O conhecido jornalista e escritor Zuenir Ventura comentou ironicamente, em sua coluna, outra declaração de Leônidas, a saber: “Não tivemos exilados no Brasil. Tivemos fugitivos. Não houve um decreto de exilar ninguém”. A entrevista do general, diz Zuenir, “é indispensável para quem quiser conhecer um pouco da mentalidade dos que naquela época detinham o poder no Brasil de

forma quase absoluta, fazendo e acontecendo durante um regime de exceção em que as liberdades — de imprensa, de expressão, de opinião — haviam sido canceladas.

A ditadura decretava as leis e se impunha como legalidade”.³

Como registro final: o notório general Newton Cruz também falou à Globonews. Sua entrevista é tão instrutiva quanto a de Leônidas, com um agravante: Cruz revelou ter sido procurado por Paulo Maluf para tramar a morte de Tancredo Neves, em pleno processo eleitoral indireto de 1984. Curiosamente, não se falou mais no assunto.

Notas

- 1 ARAÚJO, Maria C. S.; SOARES, Gláucio, A. D. e CASTRO, Celso. *Os Anos de Chumbo: A memória militar sobre a repressão*. Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1994.
- 2 POMAR, P. E. R. *Massacre na Lapa: como o Exército liquidou o Comitê Central do PCdoB* — São Paulo, 1976 (3a ed.). São Paulo, 2006: Fundação Perseu Abramo.
- 3 VENTURA, Zuenir. *O Globo*, 9 de abril de 2010.